

# O Candeeiro

## Determinação e perseverança: pa experiência de Dona Geraldina em seu sistema produtivo agroflorestal

Toda boa história tem um vilão, um herói, uma heroína ou uma personagem principal. Essa história tem como protagonista a agricultora familiar, Geraldina Tavares de Moraes, 59 anos, do assentamento Poço do Serrote, município de Serra Talhada, no Sertão pernambucano.

Ela não é só protagonista da própria história, mas também personagem principal da história da família. Dona Geraldina traz estampado no rosto a força e a perseverança das lutas da mulher sertaneja. Sua área apresenta uma diversidade de produção e uma harmonia de um sistema dinâmico, que é a Agrofloresta, onde trabalha com o esposo João Pedro de Moraes e com o filho Luís Pedro. Esta nova ideia de produzir está sendo replicada para a filha e genro, que moram em outra comunidade.



Dona Geraldina no seu sistema agroflorestal

Da família, ela foi a primeira a acreditar numa nova forma de fazer agricultura, sem uso de insumos químicos - que causam gastos financeiros e contaminam os alimentos, as pessoas e os recursos naturais. “Meu esposo não acreditava, me chamava de louca. Depois ele viu que ia dando certo e fui continuando, plantando tudo”, relembra Dona Geraldina, que conheceu o sistema agroflorestal através das visitas e da assessoria técnica do Cecor (Centro de Educação Comunitária Rural).

Só que antes de morar no assentamento, Dona Geraldina e sua família viveram na comunidade Malhada Grande, também município de Serra Talhada, de onde tudo começou com o sistema agroflorestal. No entanto, foi forçada a sair da área, pois teve as terras inundadas pelas águas da barragem de Serrinha. Diante dessa inesperada situação, a família teve que recomeçar e reconstruir um novo sistema agroflorestal em Poço do Serrote. Tudo parecia acabado, mas a agricultora foi desafiada a começar novamente, a trilhar outra história. A vida recomeçava para a família em Poço do Serrote.

É na nova área produtiva, no assentamento Poço do Serrote, que Dona Geraldina e a família começaram a desenvolver novamente diversas práticas agroflorestais, como uso de defensivos naturais no controle de pragas e doenças e diversificação dos plantios consorciados das espécies: adubadeiras (gliricídia, leucena e guandu), condimentares (açafraão e pimentas), forrageiras (palma doce, capim elefante e cana

de açúcar), frutíferas (graviola, abacaxi, manga, pinha, goiaba, laranja, limão, maracujá, mamão, coqueiro e graviola) e medicinais (cidreira, capim santo).

Ainda plantam para a alimentação da família: feijão, milho, macaxeira, batata, doce, quiabo, berinjela, tomate e pimentão, melhorando a qualidade alimentar. Produzem também repelentes naturais com o uso do nim e fumo; e utilizam fertilizantes naturais, como esterco de ovino, de bovino, húmus produzido em minhocário, cobertura morta no solo e material das podas.



Dona Geraldina na feira agroecológica de Serra Talhada

O espaço de produção da família fica próximo a um trecho do Rio Pajeú, que corta o assentamento Poço do Serrote. Esta localização permite o bombeamento de água para uma caixa d'água, que alimenta um sistema de irrigação por gotejamento e micro aspersão, distribuído para toda a área produtiva, além de uma cisterna de placas, que armazena água para beber e cozinhar. Todas essas tecnologias sociais foram implantadas com o apoio do Cecor.

O sistema agroflorestal de Dona Geraldina e sua família já demonstra estabilidade e equilíbrio. Os indicadores são a presença de pássaros, desempenhando um papel dentro do sistema, alimentando-se de frutas sem oferecer prejuízos à produção e realizando um controle de insetos, que podem se transformar em pragas, caso haja um desequilíbrio nos elementos desse ambiente.

“Depois que aprendi a trabalhar com o sistema agroflorestal minha vida mudou muito. Não tínhamos direito a nada, a gente trabalhava de aluguel para os outros. Com a nova maneira de fazer agricultura coloquei meus filhos para estudar, sem faltar nada para eles”, fala entusiasmada. Em tempo de fartura d'água, Dona Geraldina chega a fazer um salário mínimo por semana. “A agricultura agroecológica abriu vários caminhos. Conheci outros lugares e várias pessoas”, enfatiza.

A experiência bem sucedida de Dona Geraldina e sua família é exemplo para muitas outras famílias agricultoras e também serve de laboratório para estudantes da região. Já é costume visitas de alunos na área produtiva com a intenção de conhecer melhor as práticas agroecológicas, ouvir sua trajetória de persistência e luta para recomeçar mesmo quando tudo parecia acabado. E mesmo quando tudo parecia sem solução, a vida se renovava, recomeçava e perseverava naquela área do assentamento Poço do Serrote.

Realização:

Apoio:



Ministério do  
Desenvolvimento Social  
e Combate à Fome

